

PORQUE SÃO IMPORTANTES AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dr. Ivan Fortunato

Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga

RESUMO: Este texto expõe os principais motivos que levaram à organização de um dossiê, cujo objetivo é reunir resultados de pesquisas concluídas ou em andamento sobre Educação ambiental, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; interdisciplinaridade; ensino.

WHY ENVIRONMENTAL EDUCATION RESEARCH ARE IMPORTANT

ABSTRACT: This text presents the main reasons that led to the organization of a dossier, aiming to gather results of completed or ongoing research on environmental education, from an interdisciplinary perspective.

KEYWORDS: Environmental education; interdisciplinarity; teaching.

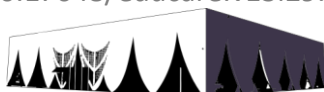


INTRODUÇÃO

No ano de 2015, organizamos, pela primeira vez, o Congresso de Pesquisas Ambientais (CPeA) no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus de Itapetininga. Trata-se de uma cidade no sudoeste paulista, de aproximadamente 150 mil habitantes, mas, ainda com pequena tradição na pesquisa acadêmica. Nessa época, o próprio IFSP iniciava sua vocação, pois, quando começamos os planos para o CPeA, apenas três estudantes da primeira turma de licenciatura haviam colado grau. Mesmo assim, junto com o congresso, fundamos o Núcleo de Estudos Transdisciplinares: Ensino, Ciência, Cultura e Ambiente (o NUTECCA¹), e lançamos o projeto editorial da Revista Hipótese². Todas essas atividades tiveram como propósito reunir pesquisadores, de diversas áreas, para discutir sobre um mesmo tema, fundamental para a vida: o meio-ambiente. Como se trata de um tema multifacetado, eis uma possível e importante forma de compreendê-lo:

Antes mesmo dos seres humanos havia uma natureza independente no seio da qual estes foram recepcionados, abrigados e protegidos. Entretanto, com o passar do tempo, reunidos em grupos cada vez maiores, esses novos habitantes iniciaram um processo de usurpação desmedida do meio, que ainda se encontra em fase de modelagem, projetando uma nova natureza, pela inserção de valores artificiais, e encapsulando a matriz original dentro de um novo conceito de espectro amplo denominado meio ambiente (FORTUNATO NETO, 2004, p. 1).

Com base nesses pressupostos, escrevi um ensaio a partir de minha fala de abertura no primeiro CPeA, justificando a importância das pesquisas ambientais (FORTUNATO, 2015). Nesse ensaio, procurei trazer alguns achados interessantes da época em que pensava Educação Ambiental pela ótica da geografia: textos centenários, dos anos 1850, que já tratavam de evidenciar como a sociedade industrial seria a responsável por consequências nocivas e perenes ao ambiente

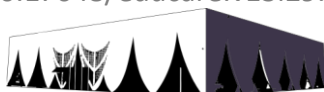


natural. Não só isso, pois tais estudos indicavam que essa relação causa-efeito seria (e já estava sendo) prejudicial à saúde e, portanto, à própria vida terrena. No entanto, se tais escritos foram anuviados por mais de cem anos, as sequelas da relação humano-natureza estavam se tornando gritantes.

Dessa maneira, por volta dos anos 1960 e 1970, as questões ambientais passaram a fazer parte da agenda social e política, levando a discussões profundas ao redor do planeta. Foi assim que as Nações Unidas passaram a organizar os notórios encontros ambientais, tais como Estocolmo, Tbilisi, Rio 92 etc., cristalizando a necessidade de conscientização e da tomada de ações para minimizar os impactos negativos em documentos como PNUMA, Agenda 21... Estes, por sua vez, prenunciavam o fim dos recursos naturais, a crise da produção baseada no petróleo, e até mesmo o colapso da produção de alimentos e de espaço para a população. Tudo isso, envolto por uma necessidade de se educar as futuras gerações para a percepção de que a manutenção da vida estava em jogo.

Como reflexo dessas ações, incontáveis autores de monografias, artigos, dissertações, teses e livros têm recuperado essa linha do tempo sobre os eventos e documentos “oficiais”, como forma de demonstrar o avanço das buscas ambientais. Não obstante, o acúmulo desse estoque de conhecimento da área de Educação Ambiental parece não fazer eco no modelo industrial de sociedade, cada vez mais produtivo e potencialmente prejudicial à vida. Particularmente, já havia anotado a contradição entre a quantidade de pesquisas, declarações e conferências, e as mudanças necessárias para uma sociedade sustentável (FORTUNATO, 2014). Tal paradoxo foi cristalizado pela ideia de que devemos colocar entre parênteses o (meio-ambiente), o que equivale a “expressar a inter-relação entre os atributos naturais e construídos, incluindo o próprio ser humano” (p. 338).

Assim, ao desvelar essa incoerência, foi necessário colocar em xeque minha própria prática com Educação Ambiental. Dessa forma, quando completei cinco anos de militância na área, desenvolvida a partir de um instrumental chamado de



narrativas ficcionais (cf. REIGOTA, 1999), escrevi um artigo buscando analisar as atividades desenvolvidas, os acertos, os erros e as possíveis maneiras pelas quais acabava por reforçar o paradoxo ambiental, mesmo que de forma não intencional (FORTUNATO, 2017). Na ocasião, levantei uma bandeira contra alguns bordões da Educação Ambiental, especialmente a insistência na “conscientização”, na “reciclagem” e nas tentativas de fazer com que “crianças amem a natureza”. Esse balanço da minha própria vivência foi fundamental para perceber que as pesquisas em Educação Ambiental não podem cessar, tampouco podem sobrestar ruminando sobre as práticas pensadas no terceiro quartil do século passado.

Isso posto, essa reunião de pesquisas documentais, teóricas, empíricas e reflexivas, que aqui se apresentam sob a forma de um dossiê temático, é apenas mais uma diligência realizada em prol de uma educação que se quer qualificar como ambiental. Ainda assim, para cada passo dado, refletir é imprescindível. Por isso, o que se espera com este contingente de textos ambientais é apenas instigar a constante procura por meios de se fazer Educação Ambiental.



REFERÊNCIAS

FORTUNATO, Ivan. Cinco anos de narrativas ficcionais para pesquisa em educação ambiental: um balanço dessa experiência. **Educere**, Mérida, v. 21, n. 68, p. 57-63, 2017.

FORTUNATO, Ivan. Porque precisamos de Pesquisas Ambientais. **Revista Hipótese**, Itapetininga, v. 1, n.1, p. 6-14, 2015.

FORTUNATO, Ivan. Meio-ambiente ou (meio-ambiente): o desafio da educação frente ao paradoxo ambiental. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 16, n. 3, p. 386-394, set./dez. 2014.

FORTUNATO NETO, José. **O relatório ambiental preliminar (RAP) como instrumento técnico-jurídico de avaliação de impacto ambiental (AIA) no procedimento de licenciamento ambiental**. Dissertação (mestrado em ciências da engenharia ambiental). São Carlos: Escola de Engenharia, USP, 2004.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

¹ Site oficial: <http://nutecca.webnode.com/>

² Link direto: <http://nutecca.webnode.com/revista-hipotese2/>

Recebido em: 16/05/2017
Aprovado em: 18/10/2017

